

O conceito de experiência social aplicado ao trabalho de jovens diplomados: uma análise na perspectiva de François Dubet

Ivanete Modesto do Amaral*

RESUMO

O artigo analisa o conceito de experiência social no trabalho de jovens profissionais, egressos de Universidades de Belém, norte do Brasil, na perspectiva de François Dubet, sociólogo francês da teoria contemporânea. A reflexão sobre este conceito focaliza a conduta dos jovens nas atividades que realizam e a sua capacidade crítica de pensar a realidade de trabalho nela inseridos. A metodologia abrangeu uma revisão bibliográfica em obras de Dubet e pesquisa qualitativa com entrevistas a quinze jovens entre 20 e 29 anos, que trabalham em Belém. A conclusão destacou o conceito de experiência social explicado por Dubet, tanto, diante da representação do emocional e da atividade cognitiva quanto, das lógicas da ação vividas pelos jovens, atores sociais que enfrentam tensões num mundo do trabalho modificado e em constantes transformações.

Palavras-chave: Jovens Profissionais. Mundo do Trabalho. Experiência Social.

* Vinculada à Universidade do Estado do Pará (UEPA); Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

ABSTRACT**THE CONCEPT OF SOCIAL EXPERIENCE APPLIED TO YOUTH WORK GRADUATES: AN ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF FRANÇOIS DUBET**

The article analyzes the concept of social experience in the work experiences of young professionals, graduates from universities located in Belém (State of Pará – Brazil), from the perspective of French contemporary sociologist François Dubet. This reflection on such concept focuses on the behavior of young people in their jobs, with special attention dedicated to their critical ability to think their work reality. The methodology adopted in the article includes a review of Dubet's formulations as well as interviews with fifteen young people aging between 20 and 29 years who work in Belém. The article concludes with some highlights on the concept of social experience outlined by Dubet, regarding not only the emotional representation and cognitive activity of such persons – social actors facing tensions in a world of modified work and in constant transformations – but also the logic of their lived actions.

Keywords: Young Professionals. World of Work. Social Experience.

1. Introdução

Um dos objetivos da pesquisa realizada com os jovens formados pelo ensino superior, que trabalham no mercado de Belém, foi analisar a sua situação de trabalho focalizando, dentre outras questões, como eles interpretam a sua experiência profissional diante da realidade de trabalho a qual eles estão envolvidos. Para que a concepção de experiência profissional não fosse entendida apenas como “prática” ou “qualquer prática” ou ainda, “papéis organizados”- que são exercidos ao longo de uma trajetória de trabalho visto que, este é o entendimento comum quando se fala em experiência - procuramos direcionar a análise para a sociologia da experiência e assim poder descrever as experiências sociais, ou seja, analisar as condutas individuais dos jovens profissionais, o trabalho que cada um realiza num entendimento de si mesmos, como atores sociais, e as tensões que experimentam num mundo do trabalho modificado e em constantes transformações.

Nesse sentido, o interesse pelo tema desse texto surge a partir de inquietações no curso de doutorado, quando se iniciava a pesquisa de

tese com os jovens profissionais e as constantes leituras de sociologia do trabalho e sociologia econômica. Também, como docente de sociologia, no contexto escolar, algumas situações relevantes levaram-me a questionamentos e reflexões significativas. Destacam-se, dentre outros questionamentos, os relacionados ao mercado de trabalho: buscou-se investigar como esses profissionais percebem o trabalho e as suas experiências de trabalho, ou seja, como eles refletem sobre a sua própria situação? Até porque, as discussões sobre a problemática do trabalho e suas transformações globais mostram que as situações de emprego mais favoráveis como, por exemplo, contrato por prazo indeterminado em grande empresa, estão reservadas aos assalariados dotados de maior qualificação e experiência, e menos reservadas para os diplomados em início de carreira, sem nenhuma experiência técnica, por exemplo. E outras indagações se manifestaram: Como os jovens constroem e dão sentido as suas experiências? Como as experiências se manifestam no trabalho dos jovens profissionais? Como eles enfrentam as tensões e os desafios no seu cotidiano de trabalho? Enfim, essas questões resultaram no interesse de compreender o conceito de experiência social para explicar sua aplicação no trabalho dos jovens diplomados.

Para responder essas questões, nos apoiamos teoricamente em Dubet (2009) que afirma, em “O trabalho das sociedades”, que o trabalho dos indivíduos pode ser definido como a construção social de uma experiência ou a construção de uma atividade própria envolvendo um conjunto de mecanismos sociais. Em “A sociologia da experiência”, Dubet (1994) sublinha o trabalho dos atores através da experiência social e põe em evidência o papel da dominação e do conflito na construção da experiência. Explica que “as lógicas da ação que estruturam a experiência social não correspondem a papéis organizados, elas situam-se a montante dos papéis e, sobretudo, mantêm entre si relações de tensões” (DUBET, 1994, p. 185).

Assim sendo, este artigo se propõe, inicialmente, compreender o conceito de experiência social a partir das contribuições de François Dubet para, em seguida, relacionar o pensamento do autor aos argu-

mentos dos jovens entrevistados, conforme se apresentaram as narrativas destes. É importante ressaltar que a compreensão deste conceito está relacionada diretamente às reflexões de Dubet (1994, 2009) sobre a sociedade contemporânea e a forma “fragmentada” como ela vem sendo explicada sociologicamente. Isto é, a explicação da sociedade atual não é mais pensada apenas a um sistema integrado, a um Estado nacional. E os mecanismos de produção dessa sociedade não são mais um simples fluxo de interações ou um efeito emergente das utilidades individuais. Portanto, para Dubet, o objeto da sociologia também está em mudança, levando-o a sugerir que um dos caminhos para analisar os fenômenos sociais na realidade atual é a “construção da noção de experiência social”, das condutas sociais que se observam, por exemplo, ao longo dos trabalhos de pesquisa. É uma ideia relacionada aos fundamentos teóricos e metodológicos dos trabalhos de pesquisa empírica.

2. Procedimentos metodológicos

A pesquisa atingiu jovens (homens e mulheres) na faixa etária entre 20 a 29 anos de idade, graduados em cursos convencionais e tecnológicos de Instituições de Ensino Superior (IES) com mais de dez anos de reconhecimento em Belém: Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade do Estado do Pará (UEPA), Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Instituto Federal do Pará (IFPA), Universidade da Amazônia (UNAMA), Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA) e Faculdade Ideal (FACI).

Foi utilizado o método qualitativo e segundo Richardson (2008) a base desse método, para analisar o problema, não é um instrumental estatístico e sim variadas técnicas como entrevista, observação, discussão em grupo, observação participante, história de vida, ou seja, a coleta de dados pode ser enriquecida das informações obtidas, particularmente pela profundidade e detalhamento dessas técnicas qualitativas. Na opinião de Chizzotti (2010), o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objeto de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e la-

tentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. Portanto, nesse tipo de pesquisa, os instrumentos necessários para se atingir o conhecimento devem estar nos meios de se coletar informações vividas pelos atores humanos, fundamentando-se pela interpretação.

Para explicar como os jovens participantes deste estudo foram selecionados, vale lembrar que este texto faz parte da pesquisa de tese intitulada “Os jovens com formação superior no mercado de trabalho paraense: suas percepções e formas de inserção”, da autora deste artigo, defendida no programa de pós-graduação em ciências sociais da UFPA. Assim sendo, dos 70 jovens participantes da pesquisa de campo, este artigo mostra parte do resultado de entrevistas em profundidade com 15 jovens os quais foram escolhidos após uma análise nos questionários por eles preenchidos numa primeira fase da pesquisa. Um dos critérios para essa análise foi selecionar jovens que, pelas suas respostas nos questionários, poderiam verdadeiramente dar conta de mostrar a sua visão sobre o trabalho e falar com mais detalhes de sua experiência no momento da entrevista.

Uma vez escolhidos os participantes, delimitado o conteúdo da entrevista e realizado o primeiro contato com os entrevistados, tratou-se de organizar o instrumento técnico, no caso, o gravador portátil, que iria viabilizar a gravação das entrevistas. Torna-se importante dizer que o primeiro procedimento adotado para a preparação das análises das entrevistas realizadas, foi a transcrição das falas logo depois de encerradas as entrevistas, ou seja, ouviu-se a gravação, transcrevendo-se o texto, acompanhando e conferindo cada frase, com as interjeições, interrupções, etc. Vale lembrar que as entrevistas foram realizadas individualmente com os jovens e eram orientadas por um roteiro pré-definido sobre as suas percepções e experiências no mercado de trabalho, experiência pessoal e vivências, relações sociais e relações com a família. Para a apresentação dos resultados, trabalhou-se com a utilização das narrativas como instrumento de análise que permitiu organizar as falas comuns dos jovens. Ressalta-se que os nomes dos profissionais citados nos fragmentos das entrevistas são fictícios, como forma de resguardar qualquer eventualidade similar a imagem das pessoas que participaram da pesquisa.

3. O conceito de experiência social em François Dubet

No livro *Sociologia da Experiência*, Dubet sugere a construção do conceito de experiência social para explicar mudanças sociais atuais e o modo de pensar o próprio conhecimento. A base de seus argumentos está nas reflexões sobre as teorias sociológicas contemporâneas e as suas atividades de pesquisador, ou seja, as suas próprias experiências em torno de ações realizadas como professor de sociologia e como pesquisador de assuntos como movimentos sociais, juventude, imigração e escola. Daí porque a noção de experiência passou a designar para o autor, simultaneamente, um objeto teórico e um conjunto de práticas sociais características da sociedade atual e, estas, vinculadas a fundamentos teóricos e metodológicos de trabalhos empíricos.

Conforme entendimento das explicações de Dubet, pensar o termo experiência, enquanto objeto teórico reflete-se na forma como a teoria sociológica se apresenta hoje, vinculada a um campo disperso, com diversidade de modelos, métodos e objetos os quais se distanciam cada vez mais da sociologia clássica onde a noção de papel, de função, de valor, de instituição, entre outras, era o centro de discussão da sociedade em que os atores interiorizavam o social, cuja ação era a realização das normas. Em outras palavras, os atores estavam integrados ao sistema por um conjunto de princípios comuns. Hoje, na compreensão de Dubet (1994, p. 14), “as teorias gerais são tratadas, nos fatos, como teorias parciais”, isto significa dizer que o domínio da discussão atual está na “ideia de distância entre o ator e o sistema”.

E assim,

[...] a subjetividade dos indivíduos e a objetividade do sistema separam-se: os movimentos sociais deixaram de ser sustentados pelas ‘leis da História’ e por ‘contradições fulcrais’. As organizações surgem como construções e não como organismos funcionais, as condutas mais banais são interpretadas como estratégias e não como realizações de papéis [...] (DUBET, 1994, p.15).

Nesse sentido, o termo experiência é entendido por uma combinação de lógicas de ação que se combinam na experiência social e ligam o ator a cada uma das dimensões de um sistema, onde as condutas sociais são organizadas por princípios estáveis mais heterogêneos. Essas lógicas serão discutidas mais adiante nesse texto.

Enquanto um conjunto de práticas da sociedade atual, a noção de experiência é um termo ambíguo e impreciso, daí porque, torna-se importante mostrar as explicações de Dubet sobre os dois fenômenos contraditórios que ela evoca: uma representação emocional e uma atividade cognitiva. Neste primeiro sentido, o da emoção, a experiência é vista como uma maneira de sentir, de se deixar levar por um estado emocional forte onde o ator deixa de ser livre e descobre uma subjetividade pessoal e assim se fala em experiência conjugal, amorosa, religiosa, etc., ou seja, uma representação do vivido. Num segundo momento, a experiência é vista como uma atividade cognitiva, uma maneira de construir o real e, sobretudo, de o “verificar” de o “experimentar” e assim se fala, por exemplo, de experiência de trabalho. Portanto, a experiência constrói os fenômenos a partir das categorias do entendimento e da razão, que, para os sociólogos, essas categorias são sociais, isto é, “formas de construção da realidade”. Assim sendo, Dubet (1994, p. 15) designa como experiência social “as condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade dos seus princípios constitutivos, e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido das suas práticas no próprio seio desta heterogeneidade”. Dessa forma, a sociologia da experiência social estuda representações, emoções, condutas e as maneiras como os atores as explicam. Em resumo, as experiências sociais são as condutas individuais de cada um de nós, condutas que combinam diversas racionalidades e lógicas.

Vale ressaltar que a explicação sociológica define a experiência como uma combinação de lógicas de ação, lógicas que ligam o ator a cada uma das dimensões de um sistema. O ator é obrigado a articular lógicas de ação diferentes haja vista que, é a dinâmica gerada por esta atividade que constitui a subjetividade do ator e a sua refle-

xividade. E para melhor explicar essas considerações, Dubet (1994) ressalta os princípios de análise essenciais discutidos numa perspectiva weberiana:

- 1) Ação Social sem unidade - não existe um sistema e uma lógica da ação, mas uma pluralidade não hierárquica, ou uma diversidade analítica não hierárquica da ação. Isto significa dizer que Weber propõe uma tipologia da ação múltipla, uma pluralidade de significações puras: ação tradicional; ação racional em relação aos meios, ação racional em relação aos valores e a ação emocional, porém, cada um desses tipos é caracterizado por uma lógica própria identificada com as finalidades pretendidas pelos indivíduos. Dubet (1994) argumenta que os intérpretes de Weber retêm apenas a ação racional em relação aos meios com o pretexto de que ela é a forma mais moderna de ação e a que se compreende mais facilmente. No entanto, esse autor diz que, em Weber, todas as lógicas da ação são significativas. A ação tradicional é como as outras, subjetivamente visada pelos atores e, apenas a ação emocional é considerada a que está no limite da ação social, tão perto do reflexo como da ação. Por outro lado, ele explica que na sociologia weberiana da religião o tema “tensão” está centrado entre lógicas diferentes como, por exemplo, tensões entre os profetismos e a sua rotinização, tensões entre fé e o capitalismo que nunca foram resolvidas. E cada ator adota lógicas diferentes que, a par do pessimismo do desencantamento, quando domina a racionalidade instrumental, existe uma imagem mais analítica e mais dramatúrgica dos diversos tipos de ação. Diversas ordens de valores se enfrentam no mundo numa luta inexpiável. E como pano de fundo desta teoria opõem-se a fé e a razão em toda uma série de antagonismos: o do carisma e da legitimidade racional legal, o da convicção e da responsabilidade, o da nação e do capitalismo, etc... Para Dubet (1994), como já não existe racionalidade total e unidade do social, a ação da sociologia clássica transforma-se em experiência.

- 2) A Ação é definida por relações sociais – Seguindo a ótica weberiana, a ação social não deve ser definida apenas pelas orientações normativas e culturais dos atores, mas sim, pela natureza das relações sociais. Para explicar melhor essa parte Dubet (1994) se apoia diretamente nos argumentos de Weber:

[...] atividade é um comportamento humano - não importando ser um ato exterior ou interior, de uma omissão ou de uma tolerância – quando e na medida em que os agentes lhe mostrem um sentido subjetivo. E atividade social é a atividade que segundo o sentido que é visado pelo agente ou pelos agentes, se prende com o comportamento de outrem, em relação ao qual se orienta o seu desenvolvimento [...] (DUBET, 1994, p. 110).

Com essas palavras significa dizer que uma ação pode ser ao mesmo tempo uma orientação subjetiva e uma relação, isto é, há uma forte correspondência entre essas duas dimensões considerando que a orientação se desenvolve no tipo de relação que lhe corresponde e, de maneira complementar, um tipo de relação pede um tipo de orientação. Assim, a articulação dessas duas dimensões constitui uma lógica da ação. É nesse sentido que Dubet (1994) explica que as lógicas elementares que estruturam a experiência não são apenas orientações normativas, elas são também definidas por relações sociais visto que, a orientação da ação e o tipo de relações sociais no qual ele se inscreve são as duas faces do mesmo conjunto: “Não é o sentido vivido pelo ator que determina a natureza das relações nas quais ele está envolvido, como não são essas relações que fixam o sentido da ação” (DUBET, 1994, p. 111). Na verdade, são esses dois elementos analíticos que aparecem na mesma lógica: “dar um sentido a uma ação e atribuir um estatuto a outrem” (idem, p. 111).

- 3) A Experiência Social é uma combinatória – Para Dubet (1994), a análise da experiência social fixa três práticas de análises intelectuais importantes e essenciais: a) analítica - tem como função isolar e descrever as lógicas da ação presentes em cada

experiência concreta. Na explicação de Weber, uma experiência reúne vários tipos puros da ação que devem ser distinguidos porque estão misturados na mesma experiência social e que os atores abraçam todos. Nesse sentido, há poucas probabilidades de que uma experiência social seja identificável com um tipo puro de ação; b) deve-se compreender a própria atividade do ator, ou seja, a forma como ele combina e articula as diversas lógicas porque, nesse caso, o indivíduo está sempre numa espécie de intervalo, num espaço misto, intermediário a várias lógicas. Isto porque, se é possível construir intelectualmente tipos puros da ação, não pode haver tipos puros da experiência visto que, as experiências sociais são sempre construções históricas, “tipos históricos” formados pela combinação de tipos puros, na ótica weberiana. Nessa explicação Dubet (1994) cita Raynaud (1987) o qual diz que o tipo ideal “puro” é antidialético, não contraditório, ao passo que o tipo histórico, pode, quanto a ele, ser complexo, até mesmo contraditório; c) consiste em evoluir da experiência para o sistema, em compreender quais são as diferentes lógicas do sistema social mediante a forma como os atores as sintetizam e as catalisam tanto no plano individual como no plano coletivo. Mesmo que se possa considerar o sistema social como produto da ação social, é certo que cada lógica pura da ação não pertence totalmente ao ator. Primeiro, porque é uma lógica que implica coerência, uma força de racionalidade onde nem tudo é possível diante de cada lógica da ação. Segundo, porque ela é determinada pela natureza do sistema social para o qual ele o remete; “os fatos sociais podem ser atingidos por via indireta dos atores e da experiência deles” (Dubet, 1994, p. 112).

Continuando com a sua explicação do conceito de experiência social, Dubet (1994) argumenta sobre três características essenciais que aparecem nas condutas sociais: 1) A heterogeneidade dos princípios culturais e sociais que organizam as condutas. Os indivíduos agem conforme os vários elementos da sua vida social, da sua experiência,

das orientações que consigo trazem. Isto significa que, papéis, posições sociais e a cultura não bastam para definir elementos estáveis da ação visto que, ainda que estejam presos às regras burocráticas, ao sistema, eles possuem uma interpretação pessoal daquilo que fazem de forma coerente e significativa – Dubet (1994) dá um exemplo clássico dos professores que descrevem suas práticas não em termos de papéis, mas em termos de experiência; 2) A distância subjetiva que os indivíduos mantêm em relação ao sistema. Os atores conservam todo o tempo uma reserva e uma distância crítica porque nunca se limitam a afirmar a sua vida, eles se explicam, se manifestam e se justificam nas suas práticas e experiências num mundo já presente. Esta atitude de reserva é vista pelo autor como parte da heterogeneidade das lógicas da ação que se cruzam hoje na experiência social e então, é vivida como um problema porque ela torna cada um em autor da sua experiência. Daí que, a pluralidade da experiência gera uma distância e um desprendimento; 3) A construção da experiência coletiva substitui a noção de alienação no centro da análise sociológica. Com o afastamento da ideia clássica de sociedade, eventos importantes como os dos movimentos sociais passam por redimensionamento nas formas como se apresentam hoje na sociedade, ou seja, eles não são capazes de agregar os indivíduos num projeto comum porque, o que existe, são movimentos sociais desmembrados chamados de “novos movimentos sociais” que atuam de forma localizada, onde a alienação ocorre quando as relações de dominação privam os atores do domínio da sua experiência. Nesse caso, Dubet (1994) mostra o exemplo das condutas dos jovens dos subúrbios, sobretudo dos jovens saídos da imigração.

Assim, é nesse sentido que a experiência social aparece como uma forma de construir o mundo que ao mesmo tempo é Subjetiva - uma representação do mundo vivido, que pode ser individual ou coletiva - e Cognitiva, isto é, uma construção crítica do real, uma reflexão que os indivíduos fazem ao julgarem e redefinirem suas experiências. Com essa compreensão, Dubet (1994) define a experiência como objeto sociológico:

A sociologia da experiência tem em vista definir a experiência como uma combinação de lógicas de ação, lógicas que ligam o ator a cada uma das dimensões de um sistema. O ator deve articular estas lógicas de ação diferentes e a dinâmica que resulta desta atividade constitui a subjetividade do ator e sua reflexividade (DUBET, 1994, p. 107).

Para Dubet (1994), a diversidade das lógicas de ação e as exigências de individualização que se apresentam nas condutas sociais hoje, são formas de experiência social moderna já previstas por Weber e Simmel em seus estudos sobre ação social. Ao explicar as lógicas da ação, Dubet (1994) argumenta que cada experiência social resulta da articulação de três lógicas da ação: a integração, a estratégia e a subjetivação. Cada ator, individual ou coletivo, adota necessariamente esses três elementos da ação que definem simultaneamente uma orientação visada pelo ator e uma maneira de conceber as relações com os outros.

Assim sendo, na lógica da integração, o ator se define pelas suas pertencas, visa mantê-las ou fortalecê-las no seio de uma sociedade considerada então como um sistema de integração. Isto quer dizer que no registro da integração, a causalidade é de uma criação da ação pela socialização conforme modalidades que continuam a ser as da sociologia clássica. Na lógica da estratégia, o ator define a concepção que ele tem sobre seus interesses numa sociedade entendida então como um mercado. Ou seja, a ação estratégica inscreve-se num outro tipo de sistema, o que resulta na composição dos interesses concorrentes. Na lógica da subjetividade social, o ator representa-se como um sujeito crítico confrontado com uma sociedade definida como um sistema de produção e de dominação. Portanto, a subjetivação permanece socialmente definida por uma cultura e, sobretudo, por uma tensão dialética construída entre esta cultura e relações de dominação.

Nesta percepção da experiência social, Dubet (1994) diz que o sujeito constitui-se na medida em que é obrigado a construir uma ação autônoma e uma identidade própria, dada a pluralidade dos mecanis-

mos que o encerram e das provas porque passam. Esse sujeito, então, é obrigado a opor a unidade de um Eu à diversidade das lógicas da sua ação. É nesse momento que pode gerar um sentimento de estranheza do ator em relação ao sistema, sentimento que não implica que uma estranheza seja real a assentar sobre duas realidades ontologicamente diferentes. Assim, o sujeito social é definido por um jogo de tensões, por um trabalho e não por um ser. Significa dizer que a pluralidade das lógicas de ação presente na experiência social é vivida como um problema e produz uma atitude de distanciamento, de mal-estar. Os indivíduos necessitam explicar a si mesmos como constroem suas práticas, como aderem a papéis e valores aos quais eles não conseguem se firmar completamente¹. Esta reflexividade quando ocorre, define a autonomia dos atores, torna-os sujeitos visto que, os atores não podem ficar presos aos seus papéis (DUBET, 1994).

4. Percepções e experiências dos jovens diplomados em torno do trabalho

A noção teórica de experiência social, explicada por Dubet (1994), relacionada com os dois fenômenos contraditórios - uma representação do emocional e uma atividade cognitiva - foi claramente aplicada às narrativas de experiência de alguns dos jovens entrevistados a seguir:

[...] a experiência é um processo de construção. Nessa experiência, o que mais me motiva a continuar e que me leva a fazer um trabalho sério, principalmente, nesse que eu faço hoje que é lidar com a saúde de outras pessoas, ver a causa, é por conta de problemas de saúde, de câncer, que eu venho presenciando na minha própria família. Eu venho de uma família, com uma sequência de pessoas que sofreram dessa doença, já perdendo inclusive algumas, e ou-

1 Sobre essa questão Dubet (1994, p. 16) mostra o caso dos professores de uma escola que ao mesmo tempo em que acatam as regras institucionais que definem suas práticas, eles também se interpretam pessoalmente com relação a sua função e realização de seus papéis desempenhados.

tras que ainda sofrem com essa doença, então, me leva a ter uma seriedade maior e respeito no eu faço. Isso para mim leva a questão social porque eu coloco muito em evidência esse fato que eu estou vivenciando no emprego. Mas essas atividades que eu exerço no dia a dia deixam o meu emocional muito abalado. [...] O stress no dia a dia mexe com o meu emocional. Isso que eu faço, apesar de estar na área de biologia, mas não está dentro daquilo que eu quero, que eu escolhi, e o fato de eu estar fazendo essas coisas é porque foi a única coisa que eu encontrei, Tudo o que eu aprendi foi lá no laboratório, porque até a parte teórica, a universidade não me deu, por isso, eu digo que eu não me sinto preparada para atuar nesse mercado que aí está (Ruth, 27 anos, Bióloga).

Na sua fala, Ruth ratifica a autenticação de sua experiência tanto emocional quanto do conhecimento da realidade de trabalho a qual está envolvida. As suas atividades do dia a dia defrontam-se com a difícil tarefa de realizá-las visto que, interferem fortemente no seu lado emocional e a leva a pensar criticamente sobre a sua situação profissional: “*não está dentro daquilo que eu quero, que eu escolhi, e o fato de eu estar fazendo essas coisas é porque foi a única coisa que eu encontrei*”. Nesse ponto, a entrevistada demonstrou a sua insatisfação com o mercado de trabalho paraense no tocante a ausência de emprego, na sua área profissional.

Sobre o mercado de trabalho é importante lembrar que o significado atribuído ao trabalho e o engajamento dos indivíduos no trabalho, estão intrinsicamente ligados às experiências singulares de um mundo do trabalho que, no curso das últimas quatro décadas, passou por profundas transformações. Boltansky e Chiapello (2009) argumentam sobre as incertezas do mercado de trabalho, fenômeno que se tornou mundializado, a partir da década de 1980. Por outro lado, Sennett (2011), afirma que o mercado de trabalho atual exige um perfil profissional baseado nas capacitações e adequado ao trabalho das organizações, as quais passaram a fazer diferença no âmbito do “novo capitalismo global, turbinado e mutante”.

A seguir, destacam-se também as narrativas dos jovens que percebem a experiência como um desafio, ou “formas de construção da realidade” (DUBET, 1994, p. 116). Isto é, suas condutas individuais e “coletivas” são “acúmulo de afazeres” ou princípios constitutivos de experiências que combinam certas práticas:

Para mim a experiência é um momento de vivências, é um conjunto de práticas que inclui a profissional e pessoal. A questão da experiência, acho, que é um desafio para o profissional. A experiência é um acúmulo de afazeres que não acontecem de uma hora para outra. Até algum tempo, eu me sentia um pouco excluída por não atuar na minha área só que eu pensei que tenho que focar realmente no que eu quero. Eu fui trabalhar nessa área administrativa por uma questão de necessidade, mas, no futuro, estou em busca de concurso público, então, estou estudando e espero chegar lá. Eu utilizo como estratégia pra ganhar mais experiência estudando, estou me preparando numa especialização e acredito que vai me dar subsídios para eu saber atuar na minha área profissional (Ana, 27 anos, Pedagoga).

[...] eu venho sempre utilizando várias estratégias para construir a minha experiência profissional, como por exemplo, estudando, me especializando. [...] Eu aprendi muita coisa, também já me desentendi administrativamente com algumas pessoas até porque eu coordeno um setor, que é o de dietética do hospital, o qual tem 22 pessoas trabalhando comigo, pessoas que na sua maioria são cozinheiros, despenseiros, aqueles que servem as refeições enfim, e aprendi que quando você está a frente de um setor e tem vários subordinados, a experiência tem que ser maior ou, ir aprimorando para saber lidar com eles e, são constantes os treinamentos para esse pessoal, principalmente, com respeito a higiene para manipular alimentos, educação, ética, etc. Ou seja, coisas que às vezes mexe com mudanças de hábitos, até porque, têm pessoas que fazem a coisa errada na sua casa e acabam tra-

zendo esse comportamento para dentro do trabalho. Então, no início, foi bem difícil, porque eu era muito jovem, inexperiente, insegura, então, coordenar uma cozinha aonde as cozinheiras são mais velhas, acham que têm mais experiência, é muito difícil porque elas não vão querer seguir orientações técnicas de alguém mais nova. No início, eu sofri muito com isso, mas eu acho que a experiência a gente vai ganhando com o tempo, e vai ganhando também a confiança das pessoas etc. (Alice, 29 anos, Nutricionista).

As entrevistadas – Ana e Alice – expressam em suas falas o que a maioria dos outros entrevistados pensa, isto é, o desafio de construir a experiência profissional não se dá de “uma hora para outra”, é preciso tempo e vivência para enfrentá-lo já que trata de atividades diversas vinculadas a um conjunto de “lógicas heterogêneas” (DUBET, 1994, p. 124) que podem ser construídas no cotidiano de trabalho. Pelos seus relatos, significa que essas lógicas, envolvem, primeiro, construir a experiência social, a conduta individual e coletiva (DUBET, 1994) - *“para mim a experiência é um momento de vivências, é um conjunto de práticas que inclui a profissional e pessoal”* - que inicia não somente com o conhecimento normativo de como funciona o sistema, ou a organização em que estão trabalhando (lógicas elementares da experiência), mas também, a maneira como concebem a relação com os outros: *“no início, eu sofri muito com isso, mas eu acho que a experiência a gente vai ganhando com o tempo, e vai ganhando também a confiança das pessoas”*. Ou seja, as experiências relatadas articulam tanto a “lógica da integração”, de socialização com as pessoas no ambiente de trabalho (relatos da Alice) quanto a “lógica estratégica” (DUBET, 1994, p. 125) de concepção dos interesses futuros para o mercado de trabalho, por exemplo, nos relatos da Ana - *“Eu utilizo como estratégia pra ganhar mais experiência estudando, me preparando numa especialização e acredito que vai me dar subsídios para eu saber atuar na minha área profissional”* - torna-se claro esse tipo de lógica.

A seguir, as narrativas do José mostram, entre todos os entrevistados, que este jovem, de 25 anos, possui uma trajetória profissional compreendida por diferentes experiências de trabalho, no sentido de já ter atuado em várias empresas. Na entrevista - que por sinal foi a mais longa dos entrevistados, com duração de 60 minutos, até porque o jovem demonstrou ser muito falante e bastante satisfeito por falar de si - além de falar sobre a construção de sua experiência social, ele destacou o que muitos jovens pensam sobre o mercado de trabalho, isto é, as dificuldades de salários e condições de trabalho para os que encontram emprego: “*eu ganhava só 800 reais e ainda tinha de pagar o meu almoço e eles queriam que eu fosse trabalhar nos domingos, eu não fui e eles me demitiram*”. Ou seja, a “experiência social” do José o levou a ter mais condições de mostrar como os profissionais formados pelo ensino superior percebem o trabalho e as suas experiências, um dos objetivos que se buscou investigar na tese. Não que os outros entrevistados tenham deixado de refletir sobre essa questão, porém, o José foi mais enfático ao discorrer suas percepções. E tornou claro que os jovens sofrem tensões para ocuparem um cargo ou atividades condizentes com a área de formação profissional. Dessa forma, constatou-se que os argumentos teóricos de Dubet (1994, 2009)² se aplicam perfeitamente a essa questão empírica.

[...] existiram muitas falhas para construir essa experiência que tenho hoje. No início da minha carreira eu senti medo da tecnologia, então eu tive de estudar muito, de dar meu jeito, pra aprender. Eu tinha medo de não dar conta do recado em nível de inteligência, em nível de código, eu pensava que eu não ia

2 Dubet (2004, 2009) sublinha o trabalho dos atores através da experiência social e põe em evidência o papel da dominação e do conflito na construção da experiência. Ou seja, ele diz que as lógicas da ação que estruturam a experiência social não correspondem a papéis organizados, mas, estão situadas a montante dos papéis, e, sobretudo, mantém entre si relações de tensões. Portanto, para este autor, o trabalho dos indivíduos pode ser definido como a construção social de uma experiência ou a construção de uma atividade própria envolvendo um conjunto de mecanismos sociais.

conseguir entender aquele monte de códigos aparecendo na tela, na sua frente, e gerar janela, gerar sites e continuar programando etc. [...] Eu sou programador Java, e foi um amigo da Bahia, das redes sociais que me perguntou se eu tinha interesse em trabalhar na Hyndra, em Fortaleza. Tive medo, de início, porque estava indo pra um lugar que eu não conhecia, uma empresa que eu não conhecia. Então eu cheguei me botaram logo numa reunião que foi muito tensa, e logo no primeiro dia eu pensei: bem, tinha que ser assim? Os caras dizendo que iam perder o contrato, que não sei o quê, blá [...] blá [...] blá [...] o principal resultado disso foi a confiança em mim, entreguei o trabalho e a partir daí comecei a ganhar a confiança das pessoas. No meu trabalho atual eu sou programador, mas, não sou só isso porque, com frequência, me colocam pra fazer análise e desenvolvimento de software, mas não gosto. Só que eu preciso de desafios [...] (José, 25 anos, Ciências da Computação).

Outro conceito que se aplica nesta análise das experiências dos jovens é o conceito de indivíduo, na compreensão proposta por Dubet (2003), “a concepção dialógica de indivíduo”. Significa que o indivíduo é um sujeito que deve combinar três diferentes lógicas da ação (social, racional e ética), inclusive, essa combinação de lógicas está presente na sua análise da experiência social como: integração, estratégia e subjetivação (1994, p. 113) e por essa razão trata-se da mesma concepção, isto é, a de natureza dialógica. Nesse sentido, afirma Dubet (1994) que cada ator, individual ou coletivo, vive o registro dessas três lógicas: 1) sendo a sociedade um sistema de integração, o indivíduo participa como indivíduo social; 2) sendo a sociedade concebida “como” um mercado, o indivíduo tenta realizar a concepção que tem dos seus interesses, é um indivíduo racional e 3) sendo a sociedade moderna também tomada por um individualismo moral, o indivíduo é um indivíduo ético. E no registro da subjetividade social o indivíduo representa-se como um sujeito crítico confrontado com uma sociedade definida como um sistema de produção e dominação.

Diante dessa perspectiva pode-se identificar, nas narrativas apresentadas pelos jovens entrevistados, as três lógicas ora em conformidade, ora em tensão entre si. Por exemplo, na fala da Ruth está clara a lógica da estratégia:

Antes eu me sentia excluída, mas acho que é mais a palavra ansiosa [...] Eu utilizo como estratégia, pra ganhar mais experiência, estudando, estou me preparando numa especialização, e acredito que esse curso vai me dar subsídios para eu saber atuar na minha área profissional (Ruth, 27 anos, Pedagoga).

Ou seja, nessa lógica, funciona o “recurso” que a entrevistada utiliza para mais tarde ter que enfrentar o mercado de trabalho. Pode-se ainda, associar esse “recurso” ao “capital cultural”, tal como explicado por Bourdieu (2000, p. 12).

No tocante a fala da Alice, torna-se evidente tanto a lógica da integração: “no início, eu sofri muito com isso, mas eu acho que a experiência a gente vai ganhando com o tempo, e vai ganhando também a confiança das pessoas [...]”, quanto a lógica da subjetivação:

[...] aprendi que quando você está à frente de um setor e têm vários subordinados, a experiência tem que ser maior ou, ir aprimorando para saber lidar com eles. E são constantes os treinamentos para esse pessoal, principalmente, com respeito à higiene para manipular alimentos, educação, ética, etc. Ou seja, coisas que às vezes mexe com mudanças de hábitos, até porque, têm pessoas que fazem a coisa errada na sua casa e acabam trazendo esse comportamento para dentro do trabalho (Alice, 29 anos, Nutricionista).

Significa que a combinação dessas lógicas, segundo as narrativas da Alice, se relaciona às condições sociais em que ela vem construindo a sua experiência.

No caso do José, identifica-se pela sua narrativa, a combinação das três lógicas: 1) integração - “Boa parte do que eu aprendi foi com o

Adam, um programador de software de computador, na empresa que eu trabalhei [...] Passados uns dias eu já estava mais adaptado na empresa, mais adaptado com as pessoas também, fiz grandes amigos lá [...]". Significa mecanismos de integração que o José utilizou e que estão em prática em qualquer organização. Pode-se falar também no registro de uma "identidade integradora"- integração do sistema (DUBET, 1994) no sentido de que o entrevistado se apresentou aos outros, na empresa, pela sua posição de profissional, por aquilo que ele vivia no momento, interiorizando valores institucionalizados; 2) estratégia:

No meu trabalho atual, na TOTVS (empresa de informática) eu sou programador, mas não sou só isso porque, com frequência, me colocam pra fazer análise e desenvolvimento de software, mas não gosto. Só que, eu preciso de desafios que é diferente de pessoas que conseguem as coisas e fazem tudo calminho (José, 25 anos, Ciências da Computação).

Quer dizer, o José precisa de uma identidade de recurso (sempre desafiado) para o campo concorrencial do mercado de trabalho; 3) subjetivação:

[...] foi difícil pra eu viver um ano longe da minha esposa e do meu filho. Então eu tive de fazer uma escolha e foi a escola mais difícil da minha vida, pedi demissão e voltei [...] Eu vejo que o ápice da pressão, enquanto profissional, foi essa de tomar a decisão pra voltar pra Belém (José, 25 anos, Ciências da Computação).

Ou seja, foram decisões tomadas pelo entrevistado, enquanto sujeito, e que estão relacionadas a um sentimento moral e ético frente aos obstáculos que a ele se expressavam.

Outra forma de conhecer a experiência social dos jovens entrevistados foi perguntando sobre suas percepções com relação ao mercado de trabalho haja vista que, todos os participantes desta pesquisa possuem vínculo empregatício com o mercado formal. Nas suas falas,

a experiência social se manifestou com uma interpretação, tal como explicada por Dubet (1994), ou seja, uma forma de construir o mundo que ao mesmo tempo é Subjetiva - uma representação do mundo vivido (individual ou coletiva) - e Cognitiva, isto é, uma construção crítica do real, uma reflexão que os indivíduos fazem ao julgarem e redefinirem suas experiências. Assim sendo, suas opiniões se expressaram da seguinte maneira:

Bom, quando a gente entra na universidade a gente não tem muito ideia do que é o mercado de trabalho. Na realidade, a gente sabe que é difícil porque não tem experiência, mas, depois que eu me formei eu percebi, pelo menos, no meu curso, a universidade era muito voltada para teoria e não tá muito ligada pro mercado. E quando você sai da universidade e vai pra realidade do mercado de trabalho é muito diferente e, sem experiência, é complicadíssimo se conseguir uma posição boa. [...] para os profissionais recém-formados, eu vejo o mercado de trabalho de uma maneira bem cruel, porque as pessoas não levam você em consideração, não consideram que você estudou, não tem como medir a sua competência então você é visto como mão de obra barata (Marta, 29 anos, Arquiteta).

De acordo com a fala da Marta, suas primeiras experiências de trabalho não parecem muito distantes daquelas que marcam a trajetória da parcela de profissionais que começam a trabalhar muito jovens. No geral, o processo de inserção profissional dos diplomados do ensino superior está relacionado com uma série de exigências que vão desde os conhecimentos desses diplomados que saem das universidades, passando pela postura de comportamento, até uma adequação às necessidades do mercado (CABRAL, 2012). Ou seja, não importa a área de formação, o mercado exige um domínio aprofundado de conhecimentos teóricos, científicos, técnicos e tecnológicos bem como, competências sociais e relacionais de acordo com as demandas da sociedade contemporânea.

Ainda sobre essa questão, mais uma percepção interessante:

[...] especialmente em Belém e acho que no Estado todo, está difícil ingressar logo no mercado. Aqui, infelizmente, as universidades, principalmente as públicas, eu vejo que elas não preparam bem o jovem para o mercado de trabalho. Eu não tenho experiência das privadas, mas eu vejo que elas avançam nesse sentido de preparar, mas, eu tenho visto, com o passar do tempo, que essas faculdades particulares avançam para o mercado, mas perdem em qualidade. A gente sempre entra em uma discussão assim: o acadêmico das universidades quer estar pronto para o mercado, mas só tem ideias e teorias, então eu acho que isso é ainda um gargalo. E quem vai para uma faculdade particular fica pronto para o mercado de trabalho, mas lá na frente ele vai sofrer, porque ele não teve uma base teórica muito boa. Na universidade pública, ele tem toda uma base de conhecimento em que pode avançar, aproveitar, mas ele não tem o lado da experiência (Rita, 27 anos, Estatística).

A narrativa da Rita mostra uma crítica sobre a realidade do ensino universitário em Belém, quando reflete sobre as dificuldades de ingresso no mercado de trabalho, daqueles que estudam tanto em IES pública quanto em IES privada, e a necessidade de experiência para esse mercado. Esta situação está relacionada diretamente a questão da experiência social como um desafio ou formas de construção da realidade (DUBET, 1994) o que leva a refletir, por exemplo, nas lógicas atuais do mercado de trabalho, que exigem uma experiência profissional conhecida como perspectivas da educação profissional diante da mundialização do capital, conforme explica Alves (2007).

Considerações finais

Conforme o exposto no conteúdo deste artigo considera-se a noção teórica de experiência social, um recurso importante da sociologia

da experiência e uma forma diferente de analisar temas relacionados com as condutas sociais dos indivíduos, na atualidade, como as experiências de trabalho. Diante das contribuições apresentadas por Dubet, foi possível identificar aproximações entre a noção de experiência por ele abordada e as percepções dos jovens diplomados no contexto do mercado de trabalho em Belém. Assim sendo, algumas considerações são aqui apresentadas como forma de situar o conceito de experiência no trabalho dos jovens entrevistados.

Em primeiro lugar, quando os jovens profissionais falaram de suas experiências vividas percebeu-se que eles manifestavam essa noção, não somente em termos do papel que assumem no trabalho, no seu cotidiano, mas, em termos de experiências vivenciadas em sua subjetividade. Isto significa dizer que ao tecerem críticas a um mundo do trabalho que exige, inevitavelmente, a construção de uma identidade profissional, são obrigados a uma definição de si mesmos, de alguém que vivenciou uma experiência escolar e profissional “cognitiva”. Por outro lado, e ao mesmo tempo, esses profissionais prezam por uma dinâmica relacional no mercado de trabalho, onde possam atribuir a sua identidade numa interação com os outros e mostrar competências e habilidades.

Dessa forma, se por um lado, essas considerações evidenciam forte conexão entre o conceito de experiência social (na perspectiva de Dubet) e o trabalho dos jovens diplomados, por outro, existem vários aspectos que permearam este estudo e que precisam ser explorados com mais profundidade como, por exemplo, o processo de inserção profissional dos diplomados do ensino superior, o qual está relacionado com uma série de exigências que vão desde os conhecimentos desses diplomados, que saem das universidades, passando pela postura de comportamento, até uma adequação às necessidades do mercado. São situações que singularizam a experiência social dos profissionais diante da diversidade das lógicas de ação e exigências de individualização que se apresentam nas condutas sociais hoje. Lembrando as explicações de Dubet, cada experiência social resulta na articulação das três lógicas da ação: integração, estratégia e subjetivação onde

cada ator, individual ou coletivo, adota esses três elementos que vão definir uma orientação visada por ele mesmo e uma maneira de conceber as relações com os outros.

Referências

- ALVES, G. (2007), **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. Londrina: Práxis, (2), 140-165.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. (2009), **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 160-169.
- BOURDIEU, P. (2000), **Les structures sociales de l'économie**. Paris: Seuil. (Collection liber).
- CABRAL, A. (2012), Inserção profissional de diplomados da UL e UNL: aprendizagens acadêmicas e competências profissionais. **Revista Angolana de Sociologia**, Portugal, 9, 69-90. Acesso março 25, 2014, em <http://ras.revues.org/431>.
- CHIZZOTTI, A (2010), **Pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Petrópolis: Vozes.
- DUBET, F. (1994), **Sociologia da experiência**. Fernando T. (Trad.). Lisboa: Instituto Piaget. (Coleção epistemologia e sociedade).
- DUBET, F. (2003), **Pour une conception dialogique de l'individu**. Espaces Temps. Net. Lausana. Acesso agosto 2, 2014 em: <http://www.espacestemp.net/generate-pdf/?idPost=28010>.
- DUBET, F. (2009), **Le travail des sociétés**. Paris: Seuil.
- RAYNAUD, P. (1987), **Max Weber et les Dilemmes de la raison moderne**. Paris: PUF.
- RICHARDSON, R. Jarry (2008), **Pesquisa social: métodos y técnicas**. São Paulo: Atlas.
- SENNETT, R. (2011), **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record. 3, pp. 155-188.